

# A DEFINIÇÃO DE COMPORTAMENTO

Sílvia Paulo Botomé<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo – “A resposta é apenas uma instância do comportamento” é uma antiga frase de Skinner (por volta de 1950) e Donald Baer usa uma expressão jocosa ao escrever seu artigo “*In the beginning there was the response*”. Em ambas as expressões há um destaque de que o conceito de comportamento foi além de sua gênese. Skinner traz um ponto de mutação para a compreensão do objeto de estudo e de intervenção no âmbito da Psicologia com os conceitos de “comportamento operante” (e suas decorrências) e de “contingências de reforço”. Nesse texto (de natureza didática, para alunos poderem entender o “salto” que representam as contribuições do Behaviorismo Radical) é examinado o conceito de comportamento após as contribuições de Skinner e, principalmente, após estudos realizados com os programas de desenvolvimento de novas gerações de analistas de comportamento realizados nos anos 70 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade de São Paulo (USP), particularmente na Pós-Graduação em Psicologia Experimental desta última. O exame destaca que o comportamento, como é possível entender hoje, no âmbito da Psicologia, é uma complexa e instável interação entre propriedades do ambiente existente, propriedades das “respostas” (ou atividades) de uma classe, apresentadas por um organismo, e propriedades do ambiente que se segue à apresentação de qualquer atividade de um organismo, mais do que apenas a resposta ou o nome que possa ser dado a qualquer comportamento com um verbo e um complemento sem especificar as relações em que tais classes de atividades estão inseridas. Fazer “análise” como estudo e conhecimento para poder construir “sínteses” de novos comportamentos, com as respectivas verificações, avaliações e demonstrações parecem ser procedimentos ou operações inseparáveis no trabalho – de qualquer tipo ou âmbito – de um analista de comportamento. O texto, obviamente incompleto, tem apenas o objetivo de iniciação no que talvez seja uma das permanentes controvérsias no âmbito dos analistas de comportamento. Pelo menos assim que o autor a conhece desde quando escreveu a primeira versão deste exame em 1977, junto com alunos que examinavam o uso dos conceitos de AEC em uma situação de construção de sínteses comportamentais por meio do uso e avaliação da eficácia de programas de ensino.

Uma das regras básicas para definir uma classe de eventos (um tipo de fenômeno ou processo) ou uma classe de objetos (uma categoria ou um conjunto) é garantir, nessa definição, as propriedades ou os “atributos” essenciais (ou nucleares) daquilo que está sendo definido. Definir algo por propriedades não essenciais (acidentais ou periféricas) ou por propriedades que são compartilhadas por outros eventos (fenômenos, objetos, processos) não constitui uma delimitação apropriada daquilo que a definição deve abranger e esclarecer. Quando isso se refere a objetos talvez seja mais fácil garantir esses cuidados fundamentais em uma definição ou em um trabalho de construção de uma definição do que em uma constituição da definição de um processo ou fenômeno (uma classe de eventos) de outra ordem. Isso é fundamental para notar aquilo que é definido, para distinguir o que é definido de outros tipos de eventos e para generalizar para todos os eventos que constituem, efetivamente, a classe (ou categoria, conjunto) de eventos a que se refere a definição em construção ou já construída por alguém.

Um trabalho de (construção de uma) definição também depende dos objetivos de quem constrói ou propõe uma definição. É possível definir para “impressionar alguém”, para “dirigir algum tipo de ação de outra pessoa” (desde sua atenção e disposição até atuações concretas), “esconder ou dificultar a percepção de um fenômeno”, “aumentar a perceptibilidade de algo” etc. Em cada caso, quem define pode enfatizar uma ou outra propriedade (características, aspecto ou variável componente) de um evento (ou mesmo um ou alguns graus de qualquer uma dessas propriedades), de acordo com tais

---

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, professor titular aposentado da Universidade Federal de São Carlos (1978 a 1999) e ex-professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de 1972 a 1978.

interesses. Pode, inclusive, enfatizar aspectos irrelevantes para outro objetivo ou distorcer e incluir aspectos que não têm nada a ver com o evento que está sendo “definido”.

Pode-se, por exemplo, definir *sapato* de diferentes maneiras ou de diferentes pontos de vista ou, ainda, fazê-lo com diferentes objetivos. Alguém pode definir um sapato pelas suas características de forma (um determinado tamanho, com a frente arredondada, com uma cavidade com determinadas características para colocar o pé, com uma sola de determinado tipo, com salto de tantos centímetros de altura etc.). Um sapato também pode ser definido pelo material que o constitui (feito de couro, lona, borracha, qualquer combinação desses materiais ou outros ainda). Também pode ser definido pela função que tem em relação a alguma outra coisa (objeto para proteger os pés, dando-lhes firmeza, resistência, isolamento do solo, proteção contra objetos afiados, pontiagudos etc.). Também pode haver uma definição que combine essas diferentes formas de definir e integrá-las de forma a dar uma configuração que pode tanto abranger toda a categoria de *sapatos* ou abranger apenas um tipo de *sapato* ou até mesmo um único *sapato*. Reiterando, conforme o que precisa ser definido e o objetivo da construção de uma definição, é possível haver ênfase em uma ou outra dessas múltiplas possibilidades e, em cada caso, nas várias características ou funções que pode ter um determinado evento (ou classe de eventos).

Muitas vezes a definição construída é limitada pelos recursos de conhecimento que aquele que define tem a respeito do que está sendo definido. E esse “aquele” pode até ser uma ampla população, como os cientistas, os filósofos, os pesquisadores de uma área ou os habitantes de uma determinada região, ou pessoas que viveram em uma época. Todos podem estar sob as influências de circunstâncias parecidas ou iguais desde as palavras, os autores, os acontecimentos, as condições econômicas ou quaisquer outras existentes no espaço ou na época em que essas pessoas vivem. Vale insistir na afirmação que múltiplas influências vão intervir nas possibilidades de definição e nos resultados do processo de construção de uma definição. O que será considerado ou aceito (por algumas autoridades ou pela maioria das pessoas próximas ou de referência para alguém que define), o que já for tradição de entendimento são fortes influências a considerar no processo de construção de um conceito expresso em uma definição. A dificuldade de entendimento e de elaboração conceitual de quem define e de quem avalia a definição são outros aspectos que interferirão na qualidade e na precisão da construção (ou reconstrução, ou avaliação) da definição de qualquer tipo de evento. O conceito de “neve”, a percepção e tudo o que decorre disso em relação à neve para um esquimó e para um morador de uma região de frio moderado ou para um morador do Rio de Janeiro. Ou o conceito de “Psicologia” para um estudante do sul da Argentina e para um estudante de Psicologia da Universidade de Paris ou da Universidade de São Paulo. A inércia, o costume, a tradição, o que já foi definido por alguém (especialmente se for algum tipo de “autoridade”, mesmo que mal fundamentada), as limitações de percepção e de linguagem, ou os riscos envolvidos em uma definição nova são exemplos de aspectos que sempre podem acarretar apego ao que é mais fácil (superficial) e próximo ou imediato, ou confortável e familiar. Isso imporá limites à definição, reduzindo-a, muitas vezes, a uma parte, nem sempre significativa, do fenômeno em definição. Na Ciência e na Educação isso tudo pode ser um grande comprometimento da qualidade dos objetivos de uma e outra: maximizar a visibilidade dos fenômenos e maximizar a capacidade de trabalhar com eles de maneira efetiva e socialmente significativa.

Em relação ao conceito (e à definição) de comportamento humano tudo isso acontece. E de uma forma mais complexa e exigente que em relação a outros tipos de eventos. Ele pode ser definido de muitas maneiras. Conforme o que for considerado nessa definição, vai haver entendimento, estudo e investigação (ou pesquisa) de diferentes tipos de eventos em relação ao que está sendo definido. Ele

pode ser definido pelas características da ação de um organismo (forma, latência, velocidade, duração, frequência de ocorrência...), pelas “intenções” do organismo que age ou atua, por “entidades” que constituem esse organismo e que o levam a agir de uma determinada forma ou ainda pelas relações que existem entre a ação do organismo e o ambiente no qual essa ação é apresentada etc.

Os estudos de Psicologia, desde a década de 1910, têm produzido muitos dados e informações importantes sobre o comportamento, considerado, nas duas últimas décadas do final do século XX, como a **relação entre aquilo que um organismo faz (sua ação, “resposta” ou atividade) e o ambiente no qual ele realiza (ou apresenta) esse fazer (essa ação, “resposta” ou atividade)**. Mais do que apenas a atividade dos organismos ou a “resposta a um estímulo” ou apenas “a ação que produz uma mudança no mundo”, a definição que se apresenta nas últimas décadas do século XX e que ainda no início do século XXI permanece com controvérsias, é a que enfatiza um complexo sistema de relações funcionais. Esse recente entendimento (e essa definição), porém, ainda é muito ampla e exige vários esclarecimentos dos próprios termos (e conceitos ou definições dos mesmos) utilizados nessa maneira de entender o que é ou constitui o comportamento de um organismo vivo, especialmente dos humanos. Na Tabela 1, podem ser observadas as três categorias de eventos envolvidos na relação entre o que um organismo faz e o ambiente em que o faz. Examinar a Tabela 1 permite entender melhor o que pode estar constituindo a “relação” (“entre o que e o que”?) à qual é atribuído o nome de “comportamento”.

Com o que está apresentado nessa Tabela 1 aparecem os três tipos de componentes de um comportamento, mas a tabela ainda não mostra ou representa “a relação” ou as “relações” possíveis entre esses **três componentes (ou tipos, classes ou categorias de componentes, ainda também, muito amplos)**. Onde está a relação entre os componentes? É uma só? São várias? Como enxergar (ou notar) essa relação ou as várias relações que podem existir entre os três componentes? Tais perguntas ainda exigem mais exames, outros conceitos e complementações para ser possível respondê-las.

**Tabela 1**

Três tipos (classes amplas) de componentes envolvidos na definição do comportamento como **relação entre aquilo que um organismo faz (sua ação, “resposta” ou atividade) e o ambiente no qual ele realiza (ou apresenta) esse fazer (essa ação, “resposta” ou atividade)**.

SITUAÇÃO EXISTENTE INICIAL	AÇÃO	NOVA SITUAÇÃO EXISTENTE
(o que acontece ou existe antes ou junto à ação de um organismo)	(aquilo que um organismo faz em sua atividade)	(o que acontece depois da ação de um organismo ser realizada)

A Tabela 1 também evidencia que o “ambiente” não é apenas o que “existe ou acontece” quando alguém apresenta uma ação. Há também o “ambiente” que existe depois da ação de um organismo, seguindo-se ou sendo produzido por sua ação. Nesse sentido, o “meio” (ou ambiente) é entendido em duas condições em relação ao que alguém faz: o que existe (aspectos da situação ou contexto) quando alguém realiza uma ação e o que existe depois desse “fazer”. Nesse sentido já há uma complicação muito grande entre o que alguém faz e um ambiente que é mutável e pode ser alterado por esse próprio fazer ou pode aparecer alterado depois ou concomitantemente à ação de um organismo

Na linguagem usual é muito frequente a utilização de verbos (é a categoria gramatical ou de linguagem usada para referir-se “ao que os organismos fazem”) para fazer referência (designar ou nomear) o que qualquer organismo faz. Tais verbos, porém, não foram construídos a partir da noção de comportamento já passível de elaboração nos anos de 1970 e existiam muito antes, inclusive, da Ciência ter produzido um conhecimento que possibilitou rever o entendimento do que esses verbos nomeiam. Um conhecimento produzido particularmente na Psicologia e, nos últimos 70 anos, pelas contribuições originadas no trabalho de B. F. Skinner. Essa defasagem de conhecimento (o surgimento dos verbos e o conhecimento sobre o que está envolvido naquilo que eles pretensamente nomeiam) acarretou algumas complicações a respeito do entendimento do que está sendo nomeado (o que está acontecendo) por variados verbos (e respectivos complementos) quando se referem ao que um organismo faz (seu comportamento, em tese). Esses verbos ora enfatizam apenas a ação do organismo, ora a relação entre situação existente e essa ação (a que existe quando a ação ocorre ou que a antecede), ora à relação entre a ação e o que ocorre concomitante a ela ou logo a seguir (o meio que passa a existir logo após a realização de uma determinada ação) e, raramente, às múltiplas relações entre esses três componentes básicos do comportamento: situação existente antes ou junto à ação, características da ação e situação que passa a existir em seguida à realização da ação.

O exame de alguns exemplos ilustra melhor o que acontece quanto ao emprego de alguns verbos usados na linguagem cotidiana à qual as pessoas, mesmo os psicólogos, se acostumam. Verbos que, muitas vezes, encobrem o que é essencial nos processos de interação de um organismo com seu ambiente. Na Tabela 2 há três verbos que se referem não ao que o organismo faz, em si, mas a uma relação preponderantemente entre algo que acontece (ou existe) no ambiente (meio ou “mundo”) em que o organismo faz algo, embora seus usos raramente sejam realizados com a identificação dos componentes que constituem a relação específica que eles denominam entre os vários tipos de eventos que constituem a relação (ou mais apropriadamente, interação).

Os três verbos, porém, referem-se, predominantemente, à relação (representada pela seta) entre esses aspectos do meio e aquilo que o organismo faz (escrever ou falar algo a partir daquilo que acontece ou existe). Os verbos não se referem apenas ao que o organismo diz ou escreve, mas a uma relação entre o que ele diz e aquilo que existe ou acontece no seu ambiente. Os verbos sempre se refe-

**Tabela 2**

Relação (seta) enfatizada pelos verbos *inferir*, *concluir* e *deduzir* quanto aos três tipos de componentes envolvidos em um comportamento entendido como **relação entre aquilo que um organismo faz (sua ação, “resposta” ou atividade) e o ambiente no qual ele realiza (ou apresenta) esse fazer (essa ação, resposta ou atividade)**

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
Dados quaisquer	inferir concluir deduzir Afirmar algo a partir dos dados	?



rem a essa relação que, no entanto, fica obscurecida na linguagem usual, até porque poucos sabem exatamente tudo a que se reportam tais verbos. Em geral é usado ou considerado apenas o que a pessoa diz para considerar o que tais verbos representam. Os verbos poderiam ainda incluir *interpretar*, também um verbo muito comum e usado geralmente quando não há uma relação clara entre algo que acontece e o que é dito ou feito por alguém. “Isso é uma interpretação” muitas vezes significa “isso não tem fundamento” (é um delírio ou invenção sem base empírica?). Esse entendimento significa uma atenção quase que exclusiva no que é falado ou feito e não em uma possível relação da atividade de um organismo com algo que não é a própria atividade. Interpretar sempre exige basear-se em algo para afirmar alguma coisa ou corre o risco de ser apenas “barulho verbal” (alguns chamariam de “verbalizações sem fundamento”, “verbalizações vazias” ou até “delírio” ou “invenção”). O próprio verbo “inventar” geralmente é usado para as ações de alguém quando há desconhecimento ou ignorância do que o levou a dizer ou fazer algo. Tudo isso, de certa forma, evidencia que há necessidade de mais recursos para “nomear” ou “definir” bem o que constitui uma relação ou interação de alguém com seu ambiente, uma vez que, nesse caso, o comportamento é entendido por muito mais coisas do que apenas as características da ação (ou atividade) de um organismo. Nos exemplos da Tabela 2, fica claro que os verbos, efetivamente, devem denominar (nomear, definir ou delimitar) relações entre os dados que alguém considera e o que esse alguém afirma (poderia ser falando, escrevendo, fazendo mímica...). Os verbos são denominações (ou nomes) de uma relação (apenas?) e não de uma denominação adequada, apropriada ou, pelo menos, coerente, com o conhecimento que já existe a respeito do que está envolvido nos processos a que tais expressões se referem.

O ponto de interrogação na terceira coluna da Tabela 2 ilustra apenas que, usualmente, não é considerado o que acontece como decorrência dessas ações do organismo quando esses verbos são utilizados. Isso não quer dizer que, se forem examinados tais tipos de comportamentos (que os verbos pretendem nomear) com os recursos do conhecimento sobre Análise do Comportamento (que já existem desde os anos de 1950), não seja possível encontrar também o terceiro tipo de componente de comportamentos (interações entre atividades do organismo com os dois tipos de ambiente) que alguém pretende denominar (ou nomear) com o uso de tais verbos. Isso, no caso dos exemplos, inclusive, é fartamente examinado no âmbito da Lógica (Filosofia, Matemática...). Um verbo sem complementos fica com um significado absolutamente abstrato, sem nomear propriamente uma classe de comportamentos, mas uma classe de atividades, de ações abstratas. Dificilmente alguém faz essas operações sem ter algo a que elas se refiram: conclui algo a partir de outro algo..., infere alguma informação a partir de outra informação ou acontecimento... deduz alguma coisa a partir de outros acontecimentos. Os verbos, mesmo sem complementos, nomeiam uma relação da atividade do organismo com algum aspecto do ambiente e não indicam características das atividades (ou “respostas?”), que podem ser variadas. Sem a indicação dos aspectos do ambiente com os quais se relacionam as características das atividades (de uma classe ou tipo), não será possível avaliar se o que, de fato, está sendo feito é o que os verbos nomeiam. Qualquer manual de lógica, no caso dos verbos usados como exemplos, indicará os componentes necessários para que tais verbos possam ser aceitos como adequados para nomear uma classe de comportamentos. Tais manuais vão mais longe ainda e indicam quando tais aspectos do meio serão insuficientes ou inadequados para apresentar ou usar esses verbos como parte do nome dos comportamentos. Indicam, inclusive, quando tais comportamentos serão falaciosos (supersticiosos, delirantes, patológicos?) e não argumentos aceitáveis (as respostas seriam sustentadas pelas condições antecedentes ou ao que elas se referem como premissas ao serem apresentadas como conclusões) como raciocínios ou discursos nas interações entre as pessoas, particularmente no discurso científico.

Qualquer um pode “concluir” qualquer coisa a partir de “qualquer coisa”? As limitações e características do que pode ser oferecido em resposta a essa pergunta foram muito estudadas no âmbito da Filosofia e da Matemática. Em todo caso, o verbo é parte da indicação de uma interação entre o seu pronunciamento e o que efetivamente está sendo feito que é pretensamente descrito pelo comportamento verbal que alguém apresenta quando usa tais denominações. Isso também acarreta muitas consequências para a avaliação da adequação do comportamento, possibilitando equívocos graves se não houver uma correta e precisa análise do comportamento, explicitando os três componentes que estão fazendo parte da relação específica que está em jogo. No caso de definir um comportamento adequado para o uso do verbo, o problema seria identificar e especificar o que “deveria participar da interação” (entre características da atividade e dos aspectos do ambiente importantes) para que o comportamento fosse considerado correto, adequado, “sadio”, desejável ou apropriado.

Além dessa ênfase, ilustrada na Tabela 2, que a linguagem comum utiliza, também há outros verbos que enfatizam diferentes parcelas da interação entre o que um organismo faz e o ambiente em que o faz. Alguns desses verbos indicam que há um destaque para aquilo que o organismo faz, deixando encobertos (ou ignorados) os aspectos do ambiente (meio, “mundo”, contexto) que possibilitariam entender e nomear com mais precisão o que está sendo efetivamente feito pelo organismo como interação entre sua atividade e esse ambiente. Os verbos apresentados na Tabela 3 são nomes que enfatizam apenas (ou referem-se aparentemente?) às características da ação de um organismo. Eles não indicam em nada o que pode estar acontecendo com outros componentes do comportamento, referindo-se apenas às classes de ações (“respostas” ou atividades) de um organismo. O que está acontecendo quando tais atividades são realizadas por um organismo e o que decorre delas é, na maneira usual de entender e utilizar os verbos *dizer*, *falar*, *marchar*, *correr*, *saltar*, desconsiderado, ignorado, pouco considerado ou até desconhecido. Os pontos de interrogação na

**Tabela 3**

Aspecto (ou componente) do comportamento usualmente enfatizado (ou entendido) pelos verbos *dizer*, *falar*, *marchar*, *correr*, *saltar* quanto aos três tipos de componentes envolvidos em um comportamento entendido como **relação entre aquilo que um organismo faz (sua ação, resposta ou atividade) e o ambiente no qual ele realiza (ou apresenta) esse fazer (essa ação, resposta ou atividade)**

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
?	<div style="border: 1px solid black; border-radius: 50%; width: 150px; height: 150px; margin: 0 auto; display: flex; flex-direction: column; justify-content: center; align-items: center;"> <span>dizer</span> <span>falar</span> <span>marchar</span> <span>correr</span> <span>saltar</span> </div>	?

Tabela 3 indicam a “não consideração” desses outros componentes de uma interação do organismo com o meio. Tal desconsideração (falta de exame, observação ou investigação) pode levar a classificar

o discurso que utiliza tais verbos como inadequado, delirante, patológico, supersticioso ou qualquer outra qualificação, simplesmente por não ser considerado ou notado o que está fazendo parte da unidade comportamental composta por mais dois componentes além da atividade de um organismo.

As metáforas, analogias e expressões figurativas de qualquer tipo podem ser incluídas nesses exemplos, quando há uma generalização, por algum critério, do uso de um verbo para situações em que ele não seria compreensível sem os demais componentes do comportamento em que tal atividade verbal ocorre. Qualquer um dos verbos da Tabela 3 refere-se apenas a uma ampla classe de “respostas” (ou atividades). Sem especificar com o que essa classe de ações interage (com a devida verificação e demonstração) não parece ser possível entender tais atividades além das características (reduzidas às características formais) de uma ação ou “resposta”, sem conseguir identificar qual sua possível função ou as várias interações que as “respostas” – atividades, é preciso insistir! – de uma classe podem ter com múltiplos aspectos do ambiente existente quando elas são apresentadas e aquele ambiente que se segue a elas de alguma forma e em algum prazo.

Se alguém considerar diferentes aspectos do que pode estar acontecendo quando qualquer um desses verbos está sendo utilizado e indicar os resultados dessas ações, talvez entenda tipos de interação de maneira completamente diferente de outra pessoa que considera (nota, observa, identifica) outros aspectos. Isso não significa um simplismo reducionista de considerar que “então o comportamento” é uma mera interpretação ou opinião de alguém. Pode ser uma interpretação, mas precisa estar fundamentada em todos os componentes empíricos que constituem a interação que está sendo denominada de determinada forma ou com procedimentos específicos, o que inclui conceitos subsidiários utilizados por quem denomina uma interação. O problema é muito mais sério porque não se trata do que alguém pensa ou acha sobre o que está sendo feito por um organismo, mas sim do que efetivamente está sendo feito por ele, com possibilidade de verificação e demonstração inequívocas; o que constitui uma alta exigência não apenas de ter evidências empíricas mas, também, de haver fidelidade às regras básicas de linguagem e de raciocínio que outras áreas (Lógica, por exemplo) já desenvolveram. Tal distinção (e cuidados) cria exigências muito importantes para quem quer lidar com tal tipo de fenômeno: a interação das atividades de um organismo com seu ambiente. Ou, em uma linguagem mais geral e vaga, “as relações do homem com o mundo”, como alguns autores consideram. No exame que está sendo feito, estão sendo apresentados os recursos de conceituação que a Ciência desenvolveu nos últimos quase noventa anos para entender melhor essa “relação do homem com o mundo” no âmbito da Psicologia. Em outras áreas do conhecimento (por exemplo, na Física, na Fisiologia, na Neurologia ou na Anatomia) as interações entre homem e seu ambiente (ou com “o mundo”) são de outra ordem e envolvem outros componentes que não apenas **a atividade do organismo “como um todo”**. Nesses casos, seria necessário, fazer um detalhado exame dos processos de interação e da multideterminação das interações específicas entre atividade dos organismos e ambiente, o que não é objetivo deste texto.

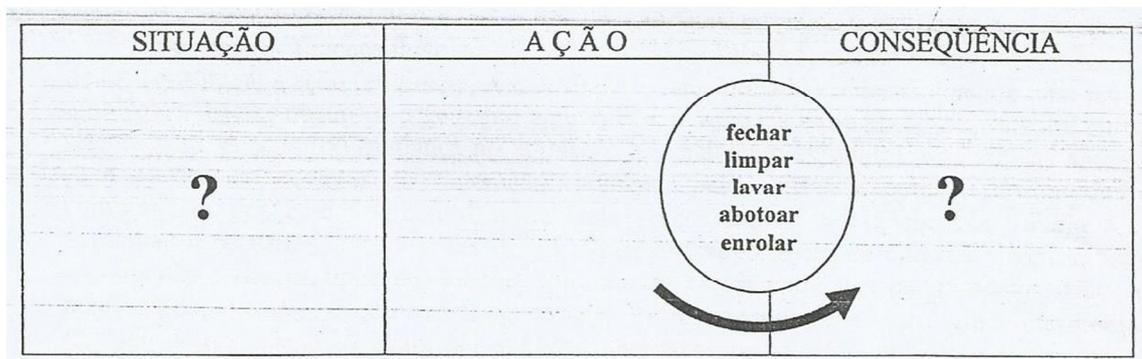
“Saltitar”, por exemplo, pode ser uma compulsão (esquiva de uma ansiedade), como pode ser uma forma de aquecer o corpo em uma temperatura baixa, como pode ser fazer uma pantomina em uma peça teatral, uma forma de birra, acompanhar uma música, fazer exercícios etc. Em qualquer exemplo, as generalizações e discriminações que o organismo que se comporta apresenta, adequadas, apropriadas, realistas ou não, só podem ser examinadas e avaliadas com a especificação dos demais componentes a que tais atividades estão relacionadas em uma unidade comportamental composta por três componentes: aspectos do ambiente existente, características relevantes da atividade do organismo em relação a eles e aspectos do ambiente que se segue à atividade do organismo com tais características. E isso ainda é uma especificação geral dos três componentes básicos que constituem

uma unidade comportamental. Ainda é possível, e muitas vezes necessário, um exame com microscopia ainda maior.

Os problemas com o entendimento, visibilidade ou significado (conceituação, definição ou referencial) dos verbos usualmente utilizados para denominar o que os organismos (particularmente as pessoas) fazem não terminam no que as Tabelas 1 a 3 ilustram, nem no que é examinado a respeito delas. Há outro tipo de relação que alguns verbos encobrem ao nomear ou denominar o que um organismo faz. Essa nova relação (veja a seta na Tabela 4) refere-se à relação entre o que um organismo faz (sua ação, atividade ou resposta) e as decorrências desse fazer ou aos eventos subsequentes a ele. Os verbos *fechar*, *limpar*, *lavar*, *abotoar*, *enrolar*, apresentados na Tabela 4, exemplificam ou ilustram esse tipo de denominação do que o organismo faz. O que está acontecendo quando essas ações (quaisquer que sejam quando são nomeadas por tais nomes) são apresentadas está ausente na consideração do que está acontecendo com a interação da atividade do organismo com seu ambiente. Essa desconsideração (ignorância, não percepção, desvalorização...) pode levar a um entendimento (um processo de conceituação) equivocado (e isso pode acontecer em vários graus), distanciando o que é percebido, nomeado ou entendido daquilo que, efetivamente, está acontecendo. Em outras palavras, usando os recursos usuais do senso comum para entender essa mesma afirmação, se alguém quiser interpretar (deduzir, nomear, entender...) apropriadamente o que alguém está fazendo, precisa identificar muito mais do que apenas a ação de um organismo o que, aparentemente, os verbos nomeiam. Os exemplos nas tabelas apresentadas evidenciam um problema que pode ser expresso na pergunta: o que está sendo considerado para escolher os verbos que nomeiam a interação do organismo com o meio, levando em conta que o conceito de comportamento humano (ou de fenômeno psicológico) está muito distante disso, graças às descobertas dos últimos 80 ou 90 anos de pesquisa no âmbito da Psicologia?

**Tabela 4**

Relação, (seta) enfatizada pelos verbos *fechar*, *limpar*, *lavar*, *abotoar*, *enrolar*, quanto aos três tipos de componentes envolvidos em um comportamento entendido como **relação entre aquilo que um organismo faz (sua ação, resposta ou atividade) e o ambiente no qual ele realiza (ou apresenta) esse fazer (essa ação, resposta ou atividade)**



Não é apropriado alguém dizer, por exemplo, que uma pessoa “abotoou uma blusa”, se a consequência do que quer que seja que a pessoa faça não for uma “blusa abotoada”, no caso do exame do que está sendo apresentado na Tabela 4. O fato de não aparecerem os componentes de um comportamento quando alguém utiliza um verbo, não significa que eles não existam ou não precisem

ser considerados para entender e nomear (ou denominar) apropriadamente o que está, de fato, acontecendo. Se não fosse assim, bastaria alguém tentar fechar uma porta, enrolar algo, abotoar uma roupa, lavar algo independentemente de considerar o que decorre de tais ações específicas (porta fechada, algo enrolado, roupa abotoada, algo lavado etc.). Ou tentar fechar uma porta já fechada, enrolar algo já enrolado, abotoar algo já abotoado, lavar algo já lavado etc. Os dois ambientes, o que existe antes da ação e o que existe como decorrência da ação, são cruciais para entender melhor o que está efetivamente sendo feito por alguém. Nomear um comportamento pela palavra “abotoar” seguida do termo “alguém” significa algo muito diferente de nomear um comportamento pela mesma palavra seguida do termo “camisa”. Antecedentes e subsequentes a esse tipo de atividade do organismo são muito diferentes e mostram, inclusive, quando são usados de maneira metafórica ou analógica, indicando generalizações e discriminações que podem ser incluídas em diferentes categorias de adequação, inadequação, normalidade, patologia, crime ou algo meramente rotineiro e adequado na interação da atividade do organismo com seu ambiente. Num dos exemplos há, inclusive, um grande distanciamento (o que é uma metáfora específica de certos ambientes e com uma função de esquiva das consequências de denominar de forma mais precisa o que será feito) do significado mais usual ou apropriado do termo. Sem uma análise dos componentes do comportamento é difícil nomear e caracterizar apropriadamente o que está sendo realizado pelo organismo. Os complementos dos verbos, em geral, trazem elementos para identificar aspectos do meio com os quais as atividades do organismo estão em relação. Mas isso, na linguagem usual ou comum é impreciso, incompleto ou muito inadequado, dificultando a identificação do que efetivamente está participando de uma interação específica entre atividade do organismo e o que está acontecendo com o ambiente no qual esta atividade é realizada. A análise do comportamento produziu conhecimento e tecnologia para identificar e especificar quais os componentes que estão constituindo uma unidade comportamental (uma unidade de interação da atividade do organismo com seu ambiente). O que, de forma muito clara esclarece a diferença entre denominar, nomear e descrever ou caracterizar um comportamento.

Uma ilustração muito simples e genérica desse exame pode ser vista na Tabela 5, quando é explicitado, muito ampla, genérica e parcialmente, ainda, o que acontece em um tipo de comportamento que recebe o nome de “abotoar uma blusa”. Tal nome não designa as ações, respostas ou atividades de um organismo, mas a relação que ele estabelece entre uma situação existente (blusa desabotoada) e outra que passa a existir como decorrência ou consequência (blusa abotoada) por meio de algum tipo de ação (atividade, “resposta”, movimentos...) que ele realiza. Na verdade, até independentemente do tipo de ação (ela poderia variar de pessoa para pessoas, de um momento para outro...) o que o verbo “abotoar” nomeia – ou denomina – é a mudança de uma condição do ambiente (de uma parte do mundo) de alguém para outra condição ambiental (uma parte diferente do mundo) por meio de uma ação ou atividade desse alguém. A seta na Tabela 5 indica essa transformação do ambiente como sendo o aspecto crucial como referência do que esse verbo (com esse respectivo complemento) do exemplo em exame está nomeando.

No exemplo (apenas ilustrativo!) apresentado na Tabela 5, os movimentos das mãos e dos dedos constituem a ação (atividade, “respostas de uma classe”) do organismo, a blusa desabotoada é uma parte do ambiente existente quando o organismo apresenta essa ação e a blusa abotoada constitui parte do resultado dessa ação (ou mudança no ambiente originalmente existente). Nas tabelas anteriores (2 a 4), ficavam ausentes da “interação” nomeada pelos verbos exemplificados alguns dos componentes dos comportamentos a que tais verbos faziam referência. Na Tabela 5, são explicitados os vários componentes de uma unidade comportamental, embora ainda não sejam esclarecidos todos os tipos de interações que podem existir entre tais componentes. Não seria possível (sem considerar o uso de máquinas), por exemplo, existir essa transformação entre um ambiente e outro sem a intermediação da

ação do organismo. A ação, por sua vez, não existe no vácuo nem acontece sem produzir alguma alteração no ambiente, mesmo que seja difícil de identificar (por múltiplas razões) seja no ambiente físico, seja no social, seja no próprio corpo de quem apresenta o comportamento em exame ou mesmo seja tendo alguma variação no tempo entre a realização de uma atividade e alguma decorrência dela para o organismo ou para outros. É algo relacionado à falta dessa análise que faz com que certas atividades sejam consideradas algo “patológico” ou anormal em relação a algum, padrão de referência. Tais qualificações são inadequadas sem a consideração apropriada dos demais componentes de um comportamento além da atividade de um organismo. A intervenção para corrigir ou desenvolver melhor um tipo de comportamento, do que se ocupa grande parte dos psicólogos, precisa localizar no que está o problema e no que, então, qualquer um profissional precisa ou pode intervir para produzir um novo comportamento (sintetizar uma nova interação como uma unidade) mais apropriado, adequado, ou significativo para o organismo ou para a sociedade.

**Tabela 5**

Ilustração esquemática e simplificada da relação predominante no entendimento do que acontece quando alguém faz a ação de “abotoar uma blusa”. A expressão se refere, fundamentalmente, ao que é representado pela seta: uma determinada transformação no ambiente existente por meio de algum tipo de ação ou atividade de um organismo.

SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQUÊNCIA
Blusa desabotoada	Movimentos das mãos e dos dedos em torno dos botões e “casas de abotoar” da blusa	Blusa abotoada



No verbo “limpar” talvez fique mais clara a importância da especificação dos componentes de uma interação. O que seria “limpar” (imaginar qualquer coisa que alguém pudesse fazer, considerando qualquer um dos três tipos de componentes, pode estar inadequado, ser impróprio, impreciso e ser ineficiente ou ineficaz) se não houvesse “sujeira”. Ou, havendo, o que alguém faça não remova essa sujeira. Que nome seria dado ao comportamento do organismo? Provavelmente seria difícil usar o verbo “limpar” com qualquer complemento que tivesse, nesse caso. Até “auto-estimulação” poderia ser um resultado envolvido em algo desse tipo de ação, conforme o resultado da atividade que estivesse constituindo a interação dessa atividade com o ambiente no qual ela é apresentada e que, no caso da auto-estimulação, seria algo no próprio organismo.

Aparentemente, examinando esses exemplos e apresentando tais fenômenos dessa maneira, as relações parecem ser simples e facilmente identificáveis. Mas isso tudo é mais complexo do que aparenta com esse breve exame do conceito de comportamento. Mesmo que, de imediato e com facilidade, não seja possível identificar. Para haver a identificação de um comportamento sempre é necessário identificar três componentes básicos ilustrados pelos exemplos existentes nas tabelas examinadas. O problema ocorre quando, na linguagem ou no trabalho, até mesmo de profissionais da Psicologia, apenas um ou dois deles estejam enfatizados ou possam ser mais facilmente perceptíveis e

compatíveis com a linguagem comumente utilizada pelas pessoas. No exemplo “abotoar uma blusa”, é possível examinar (considerar, identificar) logo os dois componentes explicitados na Tabela 5: “blusa desabotoada” e sua alteração para “blusa abotoada” e as ações (movimentos dos dedos, das mãos...) apresentadas pelo organismo. Mas, e se a blusa já estivesse abotoada antes de o organismo fazer os mesmos movimentos com as mãos e os dedos em torno dos botões da blusa? Qual será, nesse caso, o comportamento (a interação entre ação e ambiente) do organismo? De forma semelhante, isso acontece com outros comportamentos, mesmo quando eles são muito mais complexos e os componentes são em maior quantidade e, quase sempre, muito mais sutis para a percepção comum das pessoas. Uma constante atividade de manipular os botões e desabotoar e abotoar uma blusa pode constituir outra relação entre essa atividade (com tais características) e o ambiente que, facilmente, poderia ser nomeada por, ou classificada como, “compulsão”. E isso até faria sentido se a consequência para o organismo fosse, por exemplo, “diminuir sua ansiedade” em um ambiente social com determinadas circunstâncias de sua vida pessoal. Novamente, somente uma bem definida análise dos componentes envolvidos com identificação clara, precisa e inequívoca (o que quase sempre exige algum tipo de verificação) pode indicar qual é exatamente o comportamento existente ou que o organismo está apresentando. Isso é indispensável, inclusive, para estabelecer outras relações entre atividades do organismo e os resultados que ele precisa ou deve produzir no ambiente (o que pode significar a necessidade de desenvolvimento de outros comportamentos muito diferentes do “abotoar” para diminuir ou eliminar ansiedade). Esse desenvolvimento que pode acontecer em muitos tipos de intervenção profissional do psicólogo é o que pode ser denominado de “síntese comportamental”, na medida em que integra em uma nova unidade, componentes que, antes, não tinham relação entre si. A demonstração (ou comprovação) de que essa nova unidade passa a existir (tem estabilidade, é duradoura etc.) está relacionada à exigência de verificação, em qualquer grau que se aproxime até a experimentação como referencial máximo da demonstração inequívoca. Principalmente como foi viabilizada pela (descoberta e) existência de várias modalidades de linha de base múltipla nos procedimentos de investigação tanto quanto nos de intervenção. O “critério móvel”, por exemplo, algo muito apropriado para acompanhar e desenvolver novos comportamentos, não só é coerente com o conceito de modelagem, de aproximações sucessivas, de esvanecimento de estímulos ou de introdução progressiva de estímulos, como o é também com o de demonstração experimental, possibilitando uma modalidade de linha de base múltipla possível e muito adequada para demonstração da eficácia de vários tipos de intervenção em comportamentos.

O trabalho de explicitar os prováveis antecedentes (aspectos da situação), as características da ação e “consequentes” (aspectos das decorrências ou subsequências da ação) é um dos primeiros passos para entender o que está acontecendo (qual a interação que alguém está estabelecendo com seu ambiente por meio de suas atividades). A explicitação desses três componentes, que muitas vezes exige determinados tipos de pesquisa ou de investigação para torná-los conhecidos, é o que se chama “análise do comportamento”. Já que o comportamento é uma interação entre coisas, explicitar os eventos que o constituem é uma “análise”, um precursor necessário para um trabalho de “síntese comportamental” (desenvolvimento de qualquer novo comportamento) de qualquer nova interação entre atividades de algum tipo com aspectos específicos do ambiente com o qual algum organismo lida ou necessita lidar (ou outros necessitam que ele lide de maneira apropriada).

A análise do comportamento, porém, ainda envolve identificar outras relações que não serão examinadas com profundidade neste texto. A Tabela 6, apenas como ilustração, mostra algumas das relações básicas possíveis entre os três componentes. Identificar todos os componentes de cada comportamento e quais os tipos de relações que estão existindo entre eles é o que constitui o trabalho de pesquisa com esse fenômeno, o comportamento. Analisar o comportamento é identificar e

caracterizar esses componentes que constituem a relação. E demonstrar ou avaliar se eles efetivamente constituem uma determinada relação (uma determinada classe de comportamentos) é o que é feito por meio de verificação experimental. Por isso o nome “Análise Experimental do Comportamento”. A experimentação é um procedimento básico para avaliar (verificar, conferir, demonstrar...) que a relação é efetivamente constituída por esses componentes como uma unidade de interação de alguém com o meio em que está inserido quando age de determinada maneira.

O exame feito nas tabelas 1 a 5 ainda é um pouco genérico e limitado à noção de que há interações entre os três componentes. As interações que existem entre eles, porém, são várias e podem ser reunidas em seis tipos básicos de relações conforme ilustra a Tabela 6. Esses seis tipos básicos de relações ainda podem ser subdivididos em vários outros, de forma a constituir uma espécie de “mapa de tipos de relações que podem existir entre os três tipos básicos de componentes de um comportamento qualquer”. Para a finalidade deste texto, porém, vão ser examinados (superficialmente) os seis tipos de relações básicas entre esses três tipos de componentes de um comportamento ou de uma unidade de interação de um organismo com seu ambiente. Sem esquecer ou ignorar, porém, que a variedade de aspectos, de cada componente, que podem estar envolvidos em qualquer interação comportamental é muito grande e as possibilidades de combinação entre eles é ainda maior. Isso exigiria um texto e uma demonstração mais técnica e mais prolongada ou demorada e complexa do que é objetivo neste texto.

Na Tabela 6 pode ser examinada a representação esquemática dos **seis tipos de interações básicas** que existem em uma unidade de comportamento (uma interação entre as características da ação de um organismo e aspectos de seu ambiente). As setas representam os diferentes tipos básicos de relações que podem constituir o sistema de interações que constitui uma unidade comportamental. A primeira das setas refere-se ao que o meio propicia para a ocorrência de um comportamento: as características do meio facilitam, induzem, provocam, dificultam, eliciam etc. a ação do organismo ou apenas ocorrem junto? Identificar isso já é um passo importante para entender uma parte das interações que podem estar existindo quando for identificado o conjunto de relações que estão envolvidas na ocorrência de uma unidade comportamental ou que precisam ocorrer em um comportamento a desenvolver (em uma síntese dos três componentes).

O segundo tipo de interação (representada pela segunda seta) refere-se ao que a ação produz no ambiente: o que se segue à atividade do organismo é gratificante para o próprio, é aversivo, é imediato, é efetivamente produzido, apenas ocorre em seguida ou ocorre simultaneamente, o que resulta da ação é uma eliminação do que acontecia, ou uma redução ou um aumento do que acontecia etc. Esses podem ser alguns dos tipos de interação que a segunda seta da Tabela 6 simboliza.

A terceira seta indica um tipo de relação entre o que resulta ou a ocorrência de algo que acontece imediatamente ou não tão imediatamente à ação do organismo e aquilo que tal tipo de evento produz sobre o tipo de ação (atividade) que o organismo apresentou e que foi seguido por esse tipo de ocorrência. Com esses dois conjuntos já há uma grande quantidade de informações para identificar que tipo de interação pode estar havendo entre o que um organismo faz e o meio em que o faz. Esta terceira, particularmente, vai afetar a probabilidade de ocorrência futura da classe de ações (ou atividades, ou “respostas”) e afetar a força das relações entre os três componentes. Suas características vão fortalecer em algum grau (isso envolve enfraquecer, também em algum grau) a força das relações entre os três componentes e vão configurar o que é denominado por “contingências de reforçamento” que não serão examinadas neste texto em função do objetivo específico do mesmo e pelo grau de microscopia no exame das interações que exigiria um texto muito mais extenso e técnico.

**Tabela 6**

Esquema ilustrativo das seis relações básicas que existem em uma unidade de comportamento (ou de uma interação entre a ação de um organismo vivo e seu ambiente)

Componentes Tipos de relação	SITUAÇÃO	AÇÃO	CONSEQÜÊNCIA
1		→	
2			→
3			←
4	←		
5	←		
6		→	→
7	←	→	←

A quarta seta na sequência ilustrada no esquema da Tabela 6 mostra um tipo de interação entre a ação do organismo e as características do meio existente quando essa ação é apresentada. Algumas das características da ação do organismo vão, conforme as características das conseqüências da atividade do organismo, passar a ser determinadas por algumas das características do ambiente no qual a ação do organismo foi apresentada. As ações do mesmo tipo, depois de apresentadas uma primeira vez, têm uma relação de dependência, influência, sinalização, indução, provocação etc. dos aspectos componentes da situação que constitui esse meio existente (a situação que antecede ou existe quando a ação é apresentada). Em termos técnicos as ações (ou classes de “respostas”) ficarão sob controle (de algum tipo e em algum grau) de determinados aspectos do ambiente nos quais elas foram apresentadas, dependendo da influência do que se seguiu à essa classe de ações do organismo apresentadas em uma ocasião anterior no sistema de interações em exame.

O quinto tipo de relação (a quinta seta) indicado na Tabela 6 refere-se ao tipo de interação entre a situação decorrente da ação ou subsequente a ela e a situação que antecede esse tipo de atividade e pode ser avaliada a partir de questões como: a decorrência interfere no papel da situação antecedente quanto à ação do organismo? A conseqüência produz algum tipo de alteração no papel que originalmente a situação antecedente à ação do organismo tinha nessa ação? A conseqüência influi na atribuição de algum “significado” para os aspectos componentes da situação antecedente à ação de um organismo? etc. Conforme o tipo de conseqüência (para o organismo, até onde ele aprendeu a perceber, identificar etc.) para um determinado tipo de atividade do organismo, o ambiente em que as atividades desse tipo são apresentadas vão passar a ter um “significado” associado ao tipo de conseqüência das atividades. As conseqüências “emprestam” suas propriedades para o ambiente antecedente quando o organismo realiza uma atividade que as produz.

O sexto tipo de interação, representado pela sexta seta na Tabela 6, refere-se a um complemento da relação anterior: a situação passa, por exemplo, a indicar que, se o organismo fizer algo, nessa situação, ocorrerá a “conseqüência” (ou o evento que se seguiu às ações do mesmo tipo) novamente. Ela sinaliza, de alguma forma, o que o organismo produzirá ou obterá quando atuar da mesma forma quando produziu um determinado resultado. Sinaliza, tanto que chega a provocar uma reação quase “automática” (examinar de novo as possibilidades da primeira relação indicada na Tabela 6) do organismo nessa situação. Cada uma dessas afirmações, para um profissional são perguntas que o auxiliam a identificar que relação pode estar ocorrendo entre os componentes de um comportamento.

Vale destacar que não existe apenas uma interação estática ou simples. Elas estão continuamente em variação (o que exige identificar o grau de variação que elas podem ter) na composição de qualquer interação. Há múltiplos graus em qualquer variável integrante de qualquer aspecto (parcela) do ambiente e das atividades que estão constituindo uma interação. E os problemas de sua identificação, avaliação, desenvolvimento ou correção podem estar nos graus que pode ter cada gradiente de qualquer aspecto envolvido em qualquer dos três tipos de componentes dessa interação.

As afirmações caracterizadoras dessas interações, acima apresentadas, ou as perguntas relativas a elas, em todos os seis casos, indicam alguns aspectos que podem estar constituindo as interações entre as características das ações (atividades ou classes de “respostas”) de um organismo e aspectos tanto do ambiente existente antes ou simultaneamente a suas ações, quanto do ambiente existente em seguida à apresentação ou realização de qualquer uma de suas atividades, ações ou classes de “respostas”.

O sétimo “tipo de relações” indicado (sétima linha na Tabela 6) mostra, mais precisamente, um conjunto de interações que constitui um sistema que constantemente varia, tornando-se mais fortes ou mais fracas conforme a combinação das características desses três tipos de componentes que ocorrer. Nenhuma dessas características ou relações é “natural”, “obrigatória” ou “necessária”. Sua ocorrência e o papel que terão nesse sistema de interações é eventual (por isso o termo “evento” para denominar os “acontecimentos”), circunstancial ou contingente (os dois termos são sinônimos) e, conforme for, poderá determinar uma ou outra característica no sistema, constituindo um ou outro tipo de comportamento ou alterando alguma característica de um mesmo comportamento. Nesse sentido, uma unidade de comportamento ou de interação entre a ação de um organismo e seu ambiente é sempre um complexo sistema de contingências (de eventos circunstanciais não necessários, fixos ou com papéis ou funções obrigatórios) que vão configurando, progressivamente, as características das ações ou atividades com as quais cada organismo interage com o “mundo” (determinados aspectos dele) com o qual se defronta.

Essa maneira de interagir pode ter qualquer grau de valor ou qualidade para a vida do organismo ou dos demais organismos com quem esse organismo interage por meio de suas ações. Por isso, o conceito de contingência, algo que é circunstancial, não fixo ou necessário, para designar que é o sistema de interações que vai definir o “papel” (ou a função) que cada componente tem para cada comportamento de cada organismo. Mesmo algo que possa ser em tudo idêntico a um comportamento anterior, ele já ocorre com uma história de interações existente (já ocorreu uma vez pelo menos) e a força das relações entre seus componentes não é exatamente a mesma, com implicações para a latência das ações, para a apresentação das atividades, na facilidade do organismo apresentar o mesmo tipo de ações ou atividades etc.

Por isso tudo, o comportamento (ou uma classe de comportamentos) e a “resposta” ou a classe de “respostas” (de ações ou de atividades) de um organismo não são a mesma coisa. Por isso também que podemos dizer que as “respostas” ou ações de um organismo são observáveis, assim como os demais componentes de um comportamento. O comportamento ou o sistema de relações entre esses componentes, porém, não é diretamente observável. Sua identificação e caracterização sempre dependerão da conclusão que as observações dos componentes possibilitarem como identificação das relações existentes. Isso tudo indica a necessidade de uma precisa e bem feita observação e identificação dos componentes envolvidos e da verificação (ou demonstração, até uma possível avaliação experimental), por meio da variação desses componentes, se, efetivamente, ele (o sistema de relações) existe e se é exatamente o que está sendo nomeado como tal. Incluindo uma estimativa da força das relações ou da resistência do comportamento à extinção (dessas interações enfraquecerem até não constituírem mais uma unidade de interação do organismo com seu ambiente).

É em relação a tudo isso que a Análise Experimental do Comportamento contribuiu para o entendimento, percepção e manejo das “interações do homem com o mundo”. Todas essas relações hoje estão exaustivamente verificadas, estudadas, mapeadas e já constituem um grande patrimônio de conhecimento e de tecnologia para lidar com o que é concebido como “fenômeno (ou processo) psicológico”. A Análise do Comportamento explicitou como o “mundo afeta o homem” e de que maneira o homem “afeta o mundo” e este, transformado, volta a afetar o homem em um conjunto de interações preciosas e importantes para entender as relações que constituem a vida nesse “mundo” de múltiplos organismos que também se comportam à semelhança dos organismos humanos.

Mais do que entender e ser capaz de identificar os componentes dos comportamentos, por mais complexos que eles sejam, a Análise dos Comportamentos evidenciou os componentes empíricos de uma interação. Graças a isso possibilitou um trabalho de alterar, mudar ou construir componentes de tal forma que viabilizou o que pode ser chamado de “síntese de comportamentos”: o desenvolvimento de novos comportamentos por meio da construção de interações entre diferentes tipos de componentes que os constituem. Tal “síntese” pode ser feita em qualquer modalidade de atuação profissional (terapia, ensino, treinamento, desenvolvimento de estruturas e procedimentos organizacionais etc.) e sempre também exigirá verificação e demonstração, mantendo a coerência com a origem do conhecimento e das exigências para a construção desse tipo de interação que é conhecida como “psicológica” ou comportamental. Desde a gênese da expressão de Donald Baer “*in the beginning there was the response*”, foi percorrido um longo caminho pela Análise Experimental do Comportamento até chegar aos conceitos de comportamento operante e ao de contingências de reforçamento. Tal “caminho” possibilitou a realização de “sínteses experimentais do comportamento” como uma forma significativa de exercer o trabalho de intervenção profissional nos comportamentos dos organismos, mantendo as mesmas exigências de verificação e demonstração das análises (incluindo as feitas em laboratório) nas sínteses de comportamentos que venham a ser feitas, incluindo as realizadas em contexto clínico, educacional, organizacional etc.

O mais significativo, e histórico como contribuição, é ainda um aspecto cumulativo peculiar da Ciência e que ainda não é suficientemente explorado (ou aproveitado) pelos que trabalham na área: sem uma boa análise do comportamento, seja o do existente, seja daquele a ser construído, não é possível desenvolver uma síntese de qualquer comportamento. Sem a verificação e a demonstração, nunca será possível afirmar que o trabalho é científico ou feito com base científica, mesmo que sejam utilizados os conceitos já produzidos pela Análise Experimental do Comportamento. A exigência de investigação científica inerente à verificação e à demonstração não pode ser deixada de lado sob pena de comprometer qualquer dos dois tipos de trabalho: a análise sempre é a base para a construção de novas sínteses comportamentais e ambas, análise e síntese, precisam ser claramente verificáveis e demonstráveis de maneira inequívoca. Mesmo que ainda seja necessário aprender muito para fazer tudo isso a contento.

**Nota: Este material foi redigido, com correções na versão de maio de 2014, no mês de junho de 2015, a partir de um texto inicial de 1980, com ensaios anteriores de textos na segunda metade da década de 1970, e outras posteriores, sempre escritas e utilizadas como material didático em conjunto com outras informações e materiais de estudo em diferentes cursos de Análise do Comportamento. Esta redação foi feita para uso e divulgação pelo Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento de Campinas e não detalha aspectos ainda mais microscópicos e importantes das interações apresentadas. O segundo tipo de relação mostrada na Tabela 6, por exemplo, tem um extenso detalhamento em outro texto didático explicitando as várias**

modalidades básicas de contingências de reforçamento, examinando desde o sentido do termo contingência (circunstancial – em oposição a necessário ou fixo – e não contiguidade) até o sentido de que o que é reforçado são as relações e não as “respostas” (ações ou atividades) de uma classe ou o organismo que se comporta, embora as decorrências de sua ação exerçam um forte efeito na organização do repertório geral de interações das ações com os ambientes com os quais tal organismo se defronta. O termo “resposta” aparece entre aspas também porque ele já se refere a uma contingência. Ela é uma determinada circunstância da atividade do organismo que é estar sendo uma reação a algum aspecto do ambiente, o que não é uma ocorrência necessária, mas dependente de várias outras circunstâncias para ter o “papel” – ou função – de “resposta” a algum aspecto do ambiente. Quando uma atividade do organismo for uma “resposta” já há uma interação existindo e ela precisa ser demonstrada nas suas particularidades para cada organismo (o que muitos chamariam de “subjetividade”?). Se alguém quiser consultar parte das referências utilizadas pode examinar a tese de doutorado “Objetivos comportamentais no ensino – a contribuição da Análise Experimental do Comportamento” do mesmo autor, com exemplar disponível na Biblioteca de Psicologia da Universidade de São Paulo, com data de 1980. As referências mais atuais estão com os conjuntos de material didático utilizados nos cursos oferecidos no período até 2013, incluindo textos de vários autores brasileiros que publicaram textos a respeito do conceito de comportamento e de contingências de reforço do comportamento nesse período. Também há um artigo, publicado posteriormente à redação inicial deste texto, na Revista Brasileira de Análise do Comportamento em número especial de 2014, sob o título “O conceito de comportamento operante como problema”. Na mesma revista há mais quatro artigos relativos ao conceito de comportamento. A revista publicará, em número subsequente, os debates entre os sete autores desses artigos em relação ao exame feito, por eles, dos artigos dos quatro colegas que publicaram os artigos originais a respeito do conceito de comportamento. Nesses artigos estão indicadas várias referências de obras a respeito do mesmo conceito.